

João Severiano da Fonseca

Cap. Méd
ALBERTO MARTINS DA SILVA
Instrutor C Saúde EsAO

"A nossa História é uma jornada magnífica de heroísmos e sacrifícios. Os antepassados palpitam dentro de nossas dores, nossas alegrias, nossas inclinações, nossos afetos e nossas energias."

Há vidas que irradiam luzes, transmitem exemplos, dignificam momentos. Há homens que, embora vivendo épocas de acentuadas crises sociais, permanecem acima de críticas, sobejando em atuações relevantes com um caráter ilibado e equilibrado.

Há momentos que necessitam ações prontas, reflexão rápida, responsabilidade oportuna. Há homens que, apesar de ligar-se a melos heterogêneos, conseguem sobrepor-se às diferenças, igualando-as com o senso da razão mediana e com o peso de suas afirmações categóricas.

Há na História do Brasil e, mais precisamente, na História do Serviço de Saúde do Exército, uma vida exemplarmente dignificante: a vida de João Severiano da Fonseca, médico, militar, escritor, etnólogo, historiador, professor, poeta, geógrafo e político.

A margem da lagoa Manguaba, na pequena cidade de Alagoas, hoje Marechal Deodoro, Província das Alagoas, a 27 de maio de 1836, nasceu João Severiano da Fonseca, filho do Ten Cel Manuel Mendes da Fonseca e D. Rosa Paulina da Fonseca. Sétimo de uma prole de dez filhos, foi o único que

seguiu a vocação médica; vocação inerente às suas atitudes de abnegado e às suas aptidões ao chamamento das dores do próximo.

Nascido em plena época turbulenta que marcou o período regencial e criado em meio a um ambiente de fraterna amizade e sentido preponderantemente militar, foi sempre, em todas as facetas de sua inteligência polimorfa, um apegado à pesquisa científica e histórica e sempre envolvido na intimidade do sofrimento alheio.

Caracterizaram-no as influências de uma fase de mutações político-sociais, as ingerências de uma família simples e intrinsecamente envolvida na vida pública brasileira e os apelos emocionais dos agonizantes dos surtos epidêmicos e dos desesperos dos campos de batalha.

Cresceu timbrado pelos feitos avoengos e cercado por êxitos e amarguras familiares; formou-se compactuando morte e marte, cores e dores, lida e vida.

A confiança na palavra empenhada, a responsabilidade de uma ordem recebida, o respeito aos sentimentos paternos e a fidelidade à causa defendida, foram valores constantes que, na vida de João Severiano da Fonseca, motivaram-no e impeliram-no às grandezas das ações que praticou.

Silente e dedicado ao testemunhar os quadros terrificantes dos surtos coléricos e da destruição bélica, e confiante ao enfrentar as transformações sociais em que tomou parte, pôde, bem cedo, ser alvo de comendas e medalhas que dignificaram um trabalho honesto, humano e científico. No socorro a um grito de dor, beirando um leito com o alívio pronto, ou na conscientização de atitudes militares, na obrigação da caserna, mostrou-se sempre humano e obediente.

Sua vida é um traçado de coerência e vocação, de amor e diligência; sua obra, diversificada, eleva seus méritos acima dos contemporâneos, ao trazer ensinamentos médicos, literários, poéticos e históricos de grande valia e profundos conhecimentos.

Vejamos, num rápido perpassar, os feitos que tanto marcaram a sua personalidade, não nos afastando, jamais, da

influência que exerceram na sua formação, o ambiente da época, os homens com os quais conviveu e as atitudes que, muitos deles, assumiram.

Terminando o curso secundário na Corte, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde recebeu o grau de Doutor em Medicina em 1860, após a defesa da tese: "Da Moléstia em Geral". Ainda como simples estudante de medicina, dera prova de grande altruísmo durante a epidemia de cólera-morbo que grassou no Rio de Janeiro, em 1854, ceifando a vida de 5.300 pessoas. Em consequência desta dedicação foi agraciado pelo Imperador com a Imperial Ordem da Rosa, no grau de Cavaleiro, por decreto de 2 de dezembro de 1858: contava somente 22 anos.

Na sua infância, acrisolada de contos militares, sonhou ouvindo os rufares dos tambores e as soadas dos clarins que, firmes e febrilmente, fizeram história na vida de seu pai. Manuel Mendes da Fonseca, pernambucano que combatera escravos nos quilombos das Alagoas; lutara na Revolução Pernambucana de 1817 contra os republicanos locais, prestando seu apoio ao Príncipe Regente D. João; ajudara a conduzir armas de Pernambuco para a Bahia, em apoio ao Imperador D. Pedro I; combatera os revoltosos da Confederação do Equador e quando da abdicação de D. Pedro I, em 1831, entabulara negociações para a sua restauração. Foi Vereador por Alagoas, duas vezes, Chefe de Polícia e Juiz de Paz; forjou-se, portanto, na vivência das lutas nacionais, deixando, aos seus oito filhos varões atitudes marciais e traquejos de caserna.

João Severiano da Fonseca, ouvinte de tantas afoitezas, modelou-se nas circunstâncias familiares, ouvindo e sentindo, para mais tarde, discernir com probidade e altivez.

A mesma farda do velho Manuel foi comum ao ambiente familiar dos Fonseca; todos os seus filhos seguiram o mesmo caminho dos quartéis, a dura disciplina da caserna, a férrea dedicação do respeitado Ten Cel Manuel. (Exceção do filho Pedro Paulino).

Lá fora, nos bastidores políticos, ferviam rancores e dissidências. No período compreendido entre 1835 e 1870, sofremos os embates do morticínio guerreiro: Revolução Farroupilha, Revolução Liberal do Padre Feijó, Revolução Praieira, Guerra contra Rosas, Guerra contra Aguirre e Guerra contra Lopez. A turbulência das circunstâncias alcançara também os varões dos Fonseca; todos empenharam-se ao chamamento da pátria ofendida.

João Severiano da Fonseca estudava na Escola de Medicina da Corte, quando seus irmãos mais velhos participavam das atividades militares. Seu campo de luta apresentava-se tão cruel quanto o campo de Marte; seu apego ao sofrimento alheio e sua dedicação à causa pública fizeram-no completar-se no rumo vocacional e, logo que terminou o curso médico, ingressou nas fileiras do Exército Imperial; vocação talvez inata a toda uma família de bravos.

Como 2.º cirurgião, serve no Hospital Militar, na Enfermaria da Escola Militar de Aplicação do Exército e no 4.º Batalhão de Infantaria. Quando se desenrolam ações na Bacia do Prata, embora afastado por saúde, retorna, a seu pedido, e ingressa no Exército Imperial que toma parte no conflito, sob o Comando do Marechal de Campo João Propício Mena Barreto.

Outra epidemia, desta vez de varíola, grassa em Paisandu e, de pronto, é enviado para combatê-la o Ten João Severiano da Fonseca; de lá passa para o Arroio Juqueri e fica sob as ordens do Brigadeiro Manuel Luís Osório, chefiando o Serviço Médico da 8.ª Brigada de Infantaria e de Artilharia. Chefia depois a 5.ª Seção do Hospital Ambulante. É elogiado nos combates de Potreiro Pires por Osório.

Durante os cinco anos em que serviu nas tropas combatentes toma parte nas grandes batalhas de Tuiuti, Curupaiti — onde vê morrer e ferir-se seus irmãos — e Tuiucú, sob a chefia de Luiz Mallet.

A sua dedicação é exemplo para os médicos que integram o Serviço Imperial; seus serviços profissionais são elo-

glados e dignificados com eloquentes partes de seus superiores e com várias comendas; Ordem de Cristo, Ordem Imperial do Cruzeiro, Comendador da Ordem da Rosa, Medalha Geral da Campanha, Cavaleiro da Ordem de S. Bento de Aviz, Medalha do Exército em Operações na República do Uruguai.

De volta à pátria, é reintegrado no Hospital Militar da Corte, como 1.º cirurgião, onde continua a desenvolver suas atividades médico-científicas. Em 27 de março de 1875, foi posto à disposição do Ministério dos Estrangeiros e nomeado membro da Comissão de Limites entre o Brasil e Bolívia.

Sua atividade científica fá-lo membro da Academia Imperial de Medicina e membro titular e sócio efetivo e honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. No Imperial Colégio Militar exerce o magistério como professor jubilado em Ciências Físicas e Naturais; é membro do Conselho Superior Militar de Justiça e Inspetor do Pessoal do Serviço Sanitário do Exército.

Ingressando na política, é eleito Senador da República, representando o Distrito Federal, em 1891. Em 7 de abril de 1892, com mais 12 generais, era reformado, por ato do então Presidente da República, Floriano Vieira Peixoto, por se haverem manifestado contra a sua política. A 4 de novembro de 1895, entretando, era revogado aquele ato julgado ilegal e inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal, vindo João Severiano da Fonseca a reassumir suas altas funções de Inspetor Geral do Serviço Sanitário do Exército (futuro Serviço de Saúde).

Como Inspetor Geral do Serviço Sanitário do Exército, nomeado por decreto de 4 de outubro de 1890, desempenhou várias atividades que modificaram o concurso de admissão aos primeiros postos dos corpos sanitários do Exército; providenciou um substancial aumento de pessoal para o Laboratório Químico Farmacêutico Militar e ultimou a aprovação dos novos Regulamentos para os hospitais militares. Esta primeira fase de atuação como Inspetor Geral está compreendida entre outubro de 1890 a maio de 1892.

Na segunda fase, compreendendo de novembro de 1895 a novembro de 1897 (o período de 1892 a 1895 equivale ao tempo em que esteve reformado por ato do governo), várias foram as realizações efetuadas; inaugura-se o Laboratório de Microscopia Clínica e Bacteriológica, intensifica-se o apoio, em grande escala, aos combatentes da guerra de Canudos, para a qual seguiram muitos médicos militares e nomeados estudantes de medicina para colaborar com os oficiais de saúde nos Hospitais de Sangue e de Emergência.

Nesta rápida passagem pela radiante vida de nosso Patrono convém salientar um ponto dos mais relevantes, e que vem reforçar a pujança desta família nordestina na luta pela ascensão social que chegara a atingir no Rio de Janeiro. Apesar de inúmeros filhos na vida militar, era uma família humilde e pobre e sem atividades sociais na Corte. Isto é provado pela petição dirigida por Manuel Mendes da Fonseca ao Imperador Pedro II, acompanhada das cartas de alguns credores que o perseguiram para que pagasse as velhas dívidas:

“Minha família, coitada, sempre mantida pelo apertado repuxo, já não de justas economias, mas de dolorosas misérias, nunca comeu mais que o necessário para não morrer de fome, nunca trajou luxo, ainda não viu as paredes internas de um teatro, nunca foi mesmo a um baile dos muitos concorridos nesta Corte, onde vivemos há quinze anos, em nímio rigor da vida”.

Esta petição, datada de setembro de 1854, revela a situação em que lutava a família Fonseca para sobreviver na capital do Império; João Severiano tinha, nesta oportunidade, 18 anos e seu irmão mais velho, 30.

Alcançar posições de destaque na vida brasileira foi um trabalho dos mais sacrificado para os filhos do velho Manuel; no oferecimento de seus serviços à Pátria atacada e injuriada, elevou-se ao conceito público a abnegação dos Fonseca e o estoicismo de D. Rosa Paulina da Fonseca, alcunhada a “Mãe dos sete macabeus”.

Unidos e coesos sob a direção de pais idealistas e obedientes às indicações dos chefes políticos, tiveram os Fonseca, na vida pública brasileira, atuações relevantes e moderadoras que, alcançando metas e destinos vários, determinaram muitas das diretrizes que solidificaram o regime então vigente.

Devemos, para terminar, formar o quadro familiar e as conquistas sociais na vida brasileira de muitos dos irmãos de João Severiano:

- *Hermes Ernesto*. Comandante das Armas da Província da Bahia, Combatente nas lutas da Revolução Praeira, no Recife, Comandante de Brigada em campos estrangeiros e Presidente da Província de Mato Grosso.
- *Severiano Martins da Fonseca*. Comandante da Escola Militar, Ajudante-General do Exército, Conselheiro de Guerra do Imperador, Veador da Imperatriz Teresa Cristina e Barão de Alagoas, com grandeza.
- *Manuel Deodoro da Fonseca*. Combatente nas lutas na Argentina e no Paraguai, participe das lutas da Revolução Praeira, Comandante das Armas da Província da Bahia, Vice-Presidente da Província do Rio Grande do Sul, Comandante das Armas de Mato Grosso e Proclamador da República.
- *Pedro Paulino*. Presidente da Província das Alagoas, Senador pela Província das Alagoas. Foi o único que não teve atuação nos campos de batalha em virtude de grave doença.
- *Hipólito Mendes da Fonseca*. Morreu, como Capitão em Curupaiti.
- *Eduardo Emiliano*. Morreu em Itororó, como Major.
- *Afonso Aurélio*. Faleceu, como Alferes, nas muralhas de Curuzu.

Finalmente, lembremos sua obra literária e científica, que prova, sem sombra de dúvidas, o valor intelectual de João

Severiano da Fonseca. Dissertando sobre assuntos variados e bem a seu gosto, mostrou o nosso Patrono a fecunda erudição de que era possuído.

Assim, podemos enumerá-la:

- *Sobre o Celibato Clerical e Religioso;*
- *Climatologia de Mato Grosso;*
- *Índios do Guaporé;*
- *Viagem ao Redor do Brasil;*
- *A Gruta do Inferno da Província de Mato Grosso;*
- *Dicionário de Brasileirismos;*
- *Origens das Sociedades de Estudo;*
- *Brazões da Cidade de Mato Grosso;*
- *Raças e Povos. Suas Origens, Afinidades, Identidades e Distinções;*
- *Dicionário Geográfico da Província do Mato Grosso;*
- *Diário da Campanha do Paraguai;*
- *Novas Investigações Sobre Mato Grosso;*
- *Da Moléstia em Geral* (Tese de Doutorado)
- e vários trabalhos apresentados na Academia Imperial de Medicina e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Eis a trajetória luminosa que percorreu o nosso insigne Patrono, orgulho e honra do Serviço de Saúde do Exército, nos seus 61 anos de profícua existência. Faleceu a 7 de novembro de 1897. Pelo Decreto-lei nº 2.497, de 18 de agosto de 1940, assinado pelo então Presidente Getúlio Vargas e pelo Ministro da Guerra, Gen Gaspar Dutra, é escolhido patrono do Serviço de Saúde do Exército.

Neste pequeno traçado biográfico sentimos a sua formação e seu desenvolvimento no tempo em que viveu; compre-

endemos o porquê de sua permanência entre nós, ainda hoje. O seu coração altruístico, o seu desempenho humano e as atitudes de abnegado que tanto dignificaram a farda que defendeu e a véstia que santificou, têm perpetuidade na História Pátria.

Os ais dolorosos ocuparam seus momentos de atuação profissional; os soluços saudosos, seus momentos de convívio familiar; os dramas políticos, seus momentos de reflexão. Da dor alheia colheu a importância da confiança que respeita; das lágrimas domésticas, a força da resignação que sublima; das crises sociais, a tenacidade da altivez que enobrece.

Nenhuma nação sobrevive sem História. Os exemplos, que vencem distâncias, congregam ânimos, iluminam espíritos e comandam idéias, são a seiva, vigorosa e duradoura que, em todos e em toda parte criou espírito de pátria, fundando nações temperadas nos atos de seus filhos mais estremecidos.

Altissonantes e representativos, estão os méritos do Dr. João Severiano da Fonseca; grande na medicina que praticou, digno da classe que o elevou, insigne na vida que levou, é para nós um orgulho tê-lo como patrono, honrando uma profissão que tem um pouco de Deus e muito de santo.

BIBLIOGRAFIA

- MAGALHÃES JUNIOR, Raymundo. *Deodoro, a Espada Contra o Império*. 2 vols. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1957.
- PILLAR, Olyntho. *Os Patronos das Forças Armadas*. Biblioteca do Exército Editora. Rio, 1966.
- *Anais do I Congresso Brasileiro de História da Medicina Militar* — Rio — 1972.